

O EMPREENDEDORISMO SOCIAL E O DESENVOLVIMENTO DE SOFT SKILLS: ESTUDO DE CASO DE PROJETO DE EXTENSÃO “USP NA ESCOLINHA”

SOCIAL ENTREPRENEURSHIP AND THE DEVELOPMENT OF SOFT SKILLS: CASE STUDY OF THE “USP NA ESCOLINHA” EXTENSION PROJECT

Delaine Goulart da Rocha*
Enise Aragão dos Santos**
Carolina Fernanda Pavão***

RESUMO

O empreendedorismo transpõe a barreira de fazer tudo como sempre foi feito, pois sugere diversas proposições para o novo. Hoje a inovação não é mais um paradigma, já que se evidencia cada vez mais como diferencial. O buscar soluções para a sociedade é cada vez mais enaltecido entre profissionais de diversas áreas. O trabalho empreendedor para sociedade afeta o clima organizacional, e está relacionado com o grau de satisfação dos colaboradores. Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo apresentar que características empreendedoras fazem diferença na organização social. A metodologia apresentada é o estudo de caso com a pesquisa-ação, que oferece uma abordagem crítica e fundamentada em dados quantitativos e qualitativos. Conclui-se que, as soft skills identificadas e trabalhadas pelo gestor, conduz o grupo para práticas empreendedoras que favorecem o alcance das metas. O Estudo tende a pautar empresas dispostas ao empreendedorismo nas suas organizações.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Soft skills. Projeto social.

ABSTRACT

Entrepreneurship overcomes the barrier of doing everything as it has always been done, as it suggests several propositions for the new. Today, innovation is no longer a paradigm, as it is increasingly evident as a differential. The search for solutions for society is increasingly praised among professionals from different areas. Entrepreneurial work for society affects the organizational climate, and is related to the degree of employee satisfaction. Given this scenario, this article aims to present what entrepreneurial characteristics make a difference in social organization. The methodology presented is the case study with action research, which offers a critical approach based on quantitative and qualitative data. It is concluded that the soft skills identified and worked on by the manager lead the group to entrepreneurial practices that favor the achievement of goals. The Study tends to guide companies willing to entrepreneurship in their organization.

Keywords: Entrepreneurship. Soft skills. Social project.

* Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos FZEA USP. delaine@usp.br

** Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (PECEGE/USP/ESALQ). enise.santos@hotmail.com

*** Universidade Virtual do Estado de São Paulo – Univesp. cfpavao1905@gmail.com

Introdução

Diante de tempos velozes o empreendedorismo passa a ser evidência para o mercado profissional, pois, apresenta-se como a capacidade da pessoa em identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo para a sociedade (SEBRAE, 2021).

O conceito apresentado nos revela que o empreendedorismo por si só em sua essência é social, pois, se volta para o todo. Na esfera empresarial as empresas tendem a buscar profissionais com essa capacidade, pois, esses indivíduos imersos em suas atividades diárias tendem a envolver o ambiente em que estão inseridos, e promovem naturalmente a qualidade de vida e bem estar.

Existe, cada vez mais latente, uma necessidade de qualidade de vida no trabalho que, comprovadamente, se confirma ao ter um trabalho socialmente importante e capaz de estabelecer uma conexão interpessoal com o profissional, o que gera uma sensação de prazer. Sensação essa que impulsiona profissionais a estarem motivados em seus empregos (SANT'ANNA; KILIMNIK, 2011).

Essa necessidade se confirma não só na análise individual, porém, é requerida na esfera empresarial por uma sociedade cada vez mais esclarecida de suas tendências e conceitos. A acirrada concorrência agora busca valores qualitativos, já que os itens quantitativos estão equilibrados dada a imensa interação e velocidade da informação vigente.

As organizações cada vez mais devem estar inseridas no contexto sustentável, e para isso devem ter equilibrado sua gestão em três principais questões, são elas: econômicas, ambiental e social (ALVES, 2016).

Nesta perspectiva, se faz urgente e necessário que as organizações se voltem para a condução de projetos sociais com caráter inclusivo, independente do produto ou serviço que oferecem. Não se trata apenas de um diferencial, mas, sim de sua permanência no mercado (ALVES, 2016).

Tal direcionamento confirma as premissas do empreendedorismo social que ao se movimentar para fazer algo que beneficie a sociedade em suas diversas vertentes, promove a sociedade (BALBINO, 2014).

Para isso, as empresas destinam-se na organização de seus gestores para que haja um comprometimento de olhar dos colaboradores, a instigá-los em ações empreendedoras para que ações voluntárias ocorram de forma fluida.

O empreendedorismo social aplicado nas instituições tende a promover melhor as aptidões pessoais e profissionais do indivíduo. Neste trabalho, com base em estudo de caso de projeto de extensão consolidado, apresentaremos elementos a serem combinados para que o projeto social ocorra e promova benefícios a todos os envolvidos.

Problema de Pesquisa e Objetivo

Considerando que as habilidades pessoais e profissionais são fundamentais para que as organizações, os conceitos de hard e soft skills estão em bastante evidência. Hard skill são habilidades mensuráveis, ou seja, de ordem técnica, por exemplo, domínio de idiomas. Já as soft skills são entendidas como subjetivas, ou seja, estão mais para a ordem qualitativa, como por exemplo habilidade do indivíduo em trabalhar em equipe, relações interpessoais, resiliência, entre outros (MARTINS, 2017).

Na contextualização do tema, faz-se necessário a explanação em um caso real, no caso desta pesquisa, em um projeto intitulado “USP na Escolinha”, que visa a promoção da compreensão e a observação de elementos no ambiente, o que contribui para a consolidação da proposta.

A caracterização de projeto de extensão “USP na Escolinha”, que está em operação desde 2013, expõe que crescimento e o redirecionamento aplicado para o amadurecimento efetivo ocorreu com importantes elementos e soft skills pontuais.

O objetivo deste trabalho é a caracterização do objeto, projeto de extensão “USP na Escolinha”, bem como a apresentação de soft skills que culminaram em importante etapa para formação de um programa institucional que pode ser replicado, com avaliação dos elementos no ambiente a ser implantado.

Fundamentação Teórica

Pensando no ambiente organizacional, atualmente as organizações estão à procura de profissionais não somente com excelentes qualificações técnicas, mas especialmente àqueles que se sobressam com suas habilidades adicionais, como por exemplo a comunicação verbal e escrita, relacionamentos interpessoais, flexibilidade, postura ética, entre outros (RAFTOPOULAS *et al.*, 2009).

Neste sentido, desenvolver essas habilidades consideradas subjetivas, tornou-se tão importante quanto adquirir habilidades técnicas. Conforme o ambiente organizacional

se torna mais moderno e globalizado, a demanda por colaboradores com aquelas qualidades jamais foi tão significativa (BALCAR, 2014). As *softs skills* são de suma importância para a evolução profissional, considerando que elas são um conjunto de habilidades subjetivas, e interferem diretamente na relação de convivência e interação entre as pessoas (KAUTZ *et al.*, 2014).

Skill é uma palavra inglesa que possui dois significados: o conhecimento e a habilidade que permite você fazer algo bem e um tipo de trabalho que requer um conhecimento (COLLINS, 1992). Ou seja, *hard skills* são habilidades que o indivíduo tem para realizar determinada tarefa, e podem ser adquiridas através de treinamento, educação ou experiência. Já as *softs skills* são habilidades com sentido mais abrangente, como comunicação eficiente ou habilidade de trabalhar em equipe (WIKLE; FAGIN, 2015).

Importante destacar, também, o empreendedorismo, cujo conceito pode ser atribuído a diferentes sentidos, a depender de sua utilização e circunstância (COSTA, 2011). Um dos conceitos abordados é o de Chiavenato (2004), que ressalta que o empreendedorismo pode ser visto como a energia que alavanca de recursos e impulsiona talentos e confere dinâmica de ideias.

Para Dolabela (2010), existem dois grupos de empreendedores: aqueles que pensam que o sucesso é estabelecido pela sociedade, e aqueles que possuem internamente uma consciência do que é o sucesso.

Segundo Emmendoerfer (2015), o indivíduo empreendedor é aquele que sonha e transforma esse sonho em realidade, possuindo uma aptidão ímpar de converter informação em riqueza para a coletividade. Para Dornelas (2001) interagir com as pessoas e processos convergem para a transformação de ideias em oportunidades, neste sentido ocorre a implementação consoante das oportunidades que leva a criação de negócios.

Uma ramificação do empreendedorismo, é o chamado empreendedorismo social, que nada mais é do que a busca de soluções inovadoras com implementação de processos sustentáveis. Esses problemas têm impacto social pois tratam de questões importante que muitas vezes são negligenciados (SANTOS, 2012).

Diferentemente do empreendedor comercial, que visa circunstância conveniente para criação e valoração econômica, o empreendedor social tem o ponto central nas adversidades que a sociedade precisa resolver, mesmo que não haja lucros na solução daquelas adversidades. A criação de valor social para o coletivo é perseguida pelo empreendedor social de forma que assegure a sustentabilidade no longo prazo.

Para Davis (2002), os empreendedores sociais podem ser considerados como agentes que instigam a mudança na sociedade. Paralelamente, Bornstein (2007) ressalta que o empreendedorismo social pode ser apontado como uma proposta de transformação social, tendo em vista que estabelece uma dissolução para essas adversidades sociais.

Metodologia

A abordagem estudo de caso na área das ciências sociais compreendeu-se adequada por evidenciar detalhes que permeiam diversos outros elementos, por alguns momentos, não claros, mas que alcançam lucidez quando expostos em contexto próprio. A abordagem completa da situação pode ter diferentes visões sob diversos aspectos, e pode ser aplicada de acordo com a especificidade destes olhares (GERRING, 2019).

Para alcance da realidade apresentada a abordagem para este estudo é a de pesquisa-ação em que o pesquisador e as pessoas envolvidas apresentam o caráter crítico das situações investigadas, e o método permite uma proposta fundamentada para a compreensão da estrutura (GIL, 2007).

A pesquisa-ação, concebida como uma resolução de problemas coletivos e usada para discussão de área de atuação técnico-organizacional, apresentou-se como procedimento refletivo de caráter criativo com finalidade de estudar aspectos da realidade. A pesquisa-ação crítica aponta a voz do sujeito, sua perspectiva e seu sentido. Esse registro também ao ser analisado ocorre interpretação do pesquisador (FRANCO, 2005).

O método tradicional de pesquisa observou o experimento e a relação direta do observador com a questão observada. Na pesquisa-ação o “observador” pratica a ação a ser observada e detalha suas considerações com visão ampliada do envolvimento de pessoas, tarefas e procedimentos (ENGEL, 2000).

A pesquisa-ação apresentou-se no formato auto avaliativo em que as percepções introduzidas na prática foram avaliadas no decorrer do processo, com o feedback obtido de monitoramento constantes. Assim as redefinições necessárias para aprimoramento ocorrem em simultâneo com benefícios para o próprio ciclo (ENGEL, 2000).

Defendida por Thiollent (2011), a pesquisa-ação deve ser utilizada no campo educacional por permear o comprometimento dos pesquisadores com causas populares e busca de soluções ou mesmo esclarecimentos de questões diversas.

Para melhor elucidação do trabalho a estratégia foi a coleta de dados e, em sequência, a análise dos dados. Na coleta de dados foram realizados levantamento bibliográfico para limitar os pontos a serem abordados. A análise de dados se deu com interpretação holística, prevalecendo a análise qualitativa em conformidade com o referencial teórico (GERRING, 2019).

Outra etapa do processo foi a elaboração de elementos textuais, cujo objetivo se constitui na junção da coleta e análise de dados. A formalidade exigida para esta seção tem relevância considerável, porém, não constitui elemento imperativo para que a apresentação da questão abordada, bem como metodologia, resultados e conclusões apresentem narrativa inclusiva e aplicável em múltiplos casos (YIN, 2005).

O estudo foi realizado no município de Pirassununga localizado no estado de São Paulo, em instituição de ensino público superior de renome internacional, que aplica projeto de extensão de caráter socioeducacional desde 2013. Para participar da pesquisa a autora do projeto, e atual coordenadora, expõe análise de dados coletados a partir de oito edições anteriores.

Este estudo foi descrito em duas etapas que compreende: o objeto de estudo e análise de dados. O objeto de estudo é apresentado em três fases, são elas:

Fase 1 - diagnóstico - crescimento do projeto e seleção de participantes;

Fase 2 - planejamento para ação e o perfil dos envolvidos;

Fase 3 - avaliação - autocrítica da autora;

Para etapa de análise dos dados elencou-se a observação de um conjunto de soft skills indispensáveis para a consolidação do programa, ao ocorrer uma junção de elementos apresentados nas três fases deste estudo.

A primeira fase de diagnóstico foi composta pela linha do tempo do projeto no que diz respeito a seleção dos participantes, no caso alunos de graduação e pós-graduação, que para facilitar o entendimento chamaremos de monitores. A segunda fase constituiu em traçar o perfil dos envolvidos com base em questionários aplicados no término da atividade e registro de anotações existentes sobre o assunto, que resulta em um roteiro de observações da coordenadora do projeto. A terceira fase compreendeu a avaliação da autora da pesquisa que relatou suas percepções sobre o progresso do projeto, e as observações para consolidação do programa institucional “USP na Escolinha”.

Todas as informações apresentadas estão consolidadas e registradas na instituição vigente, conforme registros internos e, também, no Comitê de Ética, registradas na Plataforma Brasil.

Análise dos Resultados

A coleta de dados buscou a coleção de registros disponíveis do projeto de extensão “USP na Escolinha” de 2013 a 2020. O trabalho organizou as informações em três fases como descrito anteriormente, são elas:

Fase 1 - diagnóstico - crescimento do projeto e seleção de participantes;

Fase 2 - planejamento para ação e o perfil dos envolvidos;

Fase 3 - avaliação - autocrítica da autora;

O Projeto “USP na Escolinha” consistiu em apresentar o Campus de Pirassununga para crianças do ensino infantil e fundamental. A proposta iniciou-se com a apresentação de edital para comunidade geral de Pirassununga e Região, que demonstrou interesse através de contato com a coordenação. Após o levantamento das escolas interessadas em participar ocorreu uma captação de monitores.

A coordenação do projeto foi até as escolas inscritas mediante agendamento prévio, e com convite extensivo aos monitores disponíveis, apresentou aos alunos de ensino básico à Universidade com auxílio de banners, distribuição de livros institucionais, palestras e propôs diversas atividades para aos professores, pais e crianças.

Posteriormente, a escola, mediante agendamento prévio, conduziu essas crianças para uma visita ao Campus, onde com auxílio de monitores conheceram os setores de criação (suinocultura, caprinocultura, bovinocultura e gado de leite).

Todo o trabalho foi avaliado de forma contínua, com aplicação de questionários em todos os públicos envolvidos. Neste trabalho o objeto de estudo foi os monitores e a coordenação do projeto.

A participação dos monitores ocorreu de forma efetiva, no momento em que as escolas visitaram o Campus. Estes possuíam a principal função de conduzir um grupo de crianças, aos diversos setores de criação, e promover a interação individual e sensorial (animal x criança).

A fase de diagnóstico deste estudo versou sobre crescimento do projeto ao longo de sua existência, e serviu para contextualizar o histórico do projeto proposto que pode ser visualizado conforme a Figura 1.

A Figura 1 traz um resumo dos oito anos de projeto e apresenta a evolução das participações durante o período. Nota-se que o número de participações (alunos USP) foi crescente. Percebido este crescimento foi aplicado um estudo sobre as competências, habilidades e atitudes que eram desenvolvidas na condução da atividade.

	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	TOTAL
Escolas	4	8	1	5	11	6	13	7	55
Visitas	6	13	1	7	12	9	15	12*	63+12*
Alunos	253	568	30	201	468	463	648	700	3.394
Professores	31	49	3	26	53	27	32	35	256
Pais e Familiares	506	1.136	60	432	936	926	1.296	1400	5.292
Alunos USP	8	0	4	25	24	28	36	0	125
Funcionários	4	7	3	3	3	5	2	5	32**
Docentes	2	2	2	6	3	2	3	2	22**

Figura 1 – Resumo Geral dos 8 anos de projeto “USP na Escolinha”

Fonte: compilação dos dados do Projeto “USP na Escolinha”

Nota: *COVID-19 - todas as visitas nas escolas foram realizadas com poucos funcionários e respeitando os protocolos sanitários. As visitas no campus não ocorreram. **Este valor corresponde ao número de participações, pois alguns destes se repetem ao longo dos anos.

A primeira captação de monitores ocorreu em 2013 e foi direcionada aos componentes de grupo PET do Curso de Zootecnia. O grupo PET envolve estudantes com tutoria de um docente e são orientados a desenvolverem atividades de ensino, pesquisa e extensão. O grupo tem aporte do governo federal através do Ministério da Educação (MEC, 2021).

Esse convite de participação para grupo específico ocorreu, pois, a coordenação entendeu que havia uma necessidade de conhecimento técnico específico para a realização das visitas, principalmente por se tratar de locais de criação, e abordar as principais formas de manejo.

Num segundo momento, dada a primeira participação do grupo selecionado, percebeu-se que o conhecimento técnico não foi explorado significativamente, e por isso no ano seguinte a organização não efetuou convites (2014).

Em 2015, notou-se que faltava algo, pois a demanda de escolas aumentava consideravelmente e não pôde ser atendida no primeiro semestre, devido ao alto volume. Assim, para atendimento de um volume maior de escolas no futuro, decidiu-se experimentar uma captação às cegas de monitores.

A captação às cegas ficou assim caracterizada, por não exigir nenhum critério de seleção e para isso criou-se um formulário geral (em 2015) com a possibilidade de inscrição de qualquer indivíduo pertencente à instituição USP. Diante do exposto, houve quatro inscrições e nesta participação percebemos que o desenvolvimento das habilidades e atitudes faziam diferença na condução da proposta.

Conhecidos os monitores, foi organizada apenas uma visita com aproximadamente 30 crianças. Na ocasião, as crianças foram divididas em pequenos grupos e cada monitor ficou com um grupo sobre sua responsabilidade. A coordenação apenas observou a atividade e proferiu o registro da condução de cada grupo.

A coordenação observou que cada monitor conduziu o grupo de forma diferente, mesmo sendo setores iguais. Essa diferença percebida de monitor para monitor não estava apenas no nível de conhecimento que dispunham, e sim na forma de tratamento das situações ocorridas. Ao final das atividades os monitores responderam um questionário eletrônico.

A Coordenação, ao realizar uma análise, verificou que os monitores participantes (2015), tomaram iniciativas voluntárias para a solução de problemas. Ao final da atividade os monitores registraram sua participação em avaliações escritas e expressaram contentamento e aprendizado. Os monitores manifestaram desejo em participar de mais visitas, porém, para aquele ano as inscrições já estavam encerradas.

Em 2016, foi repetida a forma de captação de monitores e percebeu-se que o número de participações aumentou em 6 vezes. Neste momento, confirmou-se que o conhecimento técnico era importante, porém, não era o diferencial do projeto.

A coordenação explorou na avaliação dos monitores as principais características que alavancavam a proposta e os monitores registraram que a participação na atividade promovia a oportunidade de interação e vivência para todos os envolvidos.

Entre 2017 e 2019 todos podiam realizar as inscrições para participar e todos os inscritos participavam pelo menos uma vez, porém, para fortalecer os valores já consolidados, e os monitores que apresentavam empatia, inteligência emocional, negociação e flexibilidade participavam de mais visitas, o que contribuía para que os outros participantes desenvolvessem essas habilidades.

É importante mencionar que alguns minutos antes de cada atividade, os monitores eram reunidos e a coordenadora realizava algumas dinâmicas de integração. Entre essas abordagens de integração era estimulado que os monitores se apresentassem (nome, curso, cidade de origem, país). Também eram estimulados a falar sobre suas motivações,

sensações e vivências daquele momento. A coordenadora do projeto direcionava a prática e era a primeira a realizar o que era proposto, servindo de exemplo aos demais e se colocando na condição de igual.

Assim a coordenação rapidamente identificava algumas soft skills e separava em duplas de monitores juntando habilidades diferentes e esperadas para atividade. A coordenação sempre estava presente e atuava caso precisasse, porém, os próprios monitores se enquadravam no plano proposto anteriormente, conforme suas habilidades pessoais. Isso aconteceu em todos os encontros.

A fase de planejamento para ação deste estudo constituiu em traçar um perfil dos envolvidos, na tentativa de nivelar o padrão dos monitores com respeito ao conhecimento, habilidade e atitude.

Os monitores participantes eram convidados ao final de cada participação a preencherem questionários *google forms*. Uma das questões abordadas perguntou aos monitores o que mais foi percebido no progresso da atividade? Entre as alternativas elencamos: conhecimento, habilidade e atitude, apresentado na Figura 2.

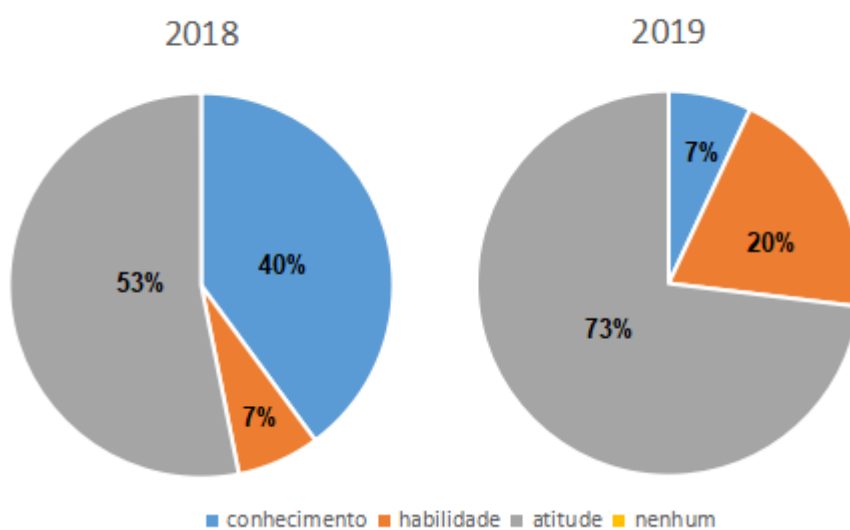


Figura 2 – Estudo do relato dos alunos sobre Conhecimentos, Habilidade e Atitude desenvolvidos durante a realização do projeto

Fonte: compilação dos dados do Projeto

O resultado deste estudo revalida as percepções da coordenadora de que o projeto despertou nos alunos atitudes, tais como: liderança, empatia, flexibilidade e solução de problemas.

A fase dois consistiu em apresentar o plano para ação e o perfil dos envolvidos, que ocorreu após consolidado o diagnóstico. Identificado um modelo padrão de visitas, criou-se um método de visita que naturalmente atraia um perfil de inscitos dispostos ao aprendizado de conhecimentos, habilidade e atitudes (não necessariamente nesta ordem). Tratava-se de alunos interessados em desenvolver suas soft skills, conforme registraram à coordenação em breve reunião ocorrida após cada visita.

O plano de ação foi uma padronização necessária para condução de todas as visitas que viriam na sequência, e constituiu de um grupo de quatro a cinco monitores por visita ao Campus, conforme a Figura 3 e 4, que apresentavam os setores de acordo com suas atitudes e habilidades. Estes monitores colocaram em prática seus conhecimentos através de vivência.



Figura 3 – Alunos de graduação e pós-graduação conduzindo o projeto nos setores de suinocultura (direita) e caprinocultura (esquerda)

Fonte: Compilação dos dados do Projeto



Figura 4 – Alunos de graduação e pós-graduação conduzindo o projeto - apresentação inicial - percepção dos alunos de escola do ensino fundamental

Fonte: Compilação dos dados do Projeto

Quatro a cinco dias antes da visita, por meio de aplicativo WhatsApp, era organizado o grupo do dia da visita e todas as ações que viriam a ocorrer eram registradas no grupo. Neste aplicativo disponibilizamos um material institucional com todos os passos previstos para a visita, que serviu de elementos norteadores.

Cada visita tinha um grupo com monitores diferente e a coordenadora do projeto encaminhava quatro dias antes o perfil dos alunos da escola pública. Este perfil consistia em informar o nome da escola, professoras, quantidade de alunos, a faixa etária, a faixa salarial dos pais e o trabalho já realizado, caso houvesse.

A fase três foi uma avaliação e autocrítica sobre o método aplicado. A coordenadora do projeto convidou discentes, docentes e servidores técnicos administrativos para apresentarem suas colocações sobre o que estava sendo realizado.

A coordenação não se limitou em apontar as atividades, mas se adaptou em termos de cronograma e ajustes para oferecer condições participação efetiva dos envolvidos que permitisse o desenvolvimento de habilidades e atitudes.

Algumas intervenções pontuais foram realizadas como a troca de dias e horários para melhor atendimento de grupos, pois, para desenvolvimento satisfatório todos tinham que estar confortáveis. Esses ajustes contaram com o envolvimento de professores, guarda do Campus e servidores dos setores de criação.

Para a promoção de ambiente que favoreceu ao monitor uma atitude que nem ele mesmo sabia esteve relacionado com o voluntariado, pois, a única exigência de participação era a vontade de estar ali.

Nota-se que o projeto de extensão explorou em seus monitores soft skills e essas foram fundamentais na consolidação da proposta. Entre as soft skills a coordenadora elencou as consideradas mais importante para essa atividade: comunicação, Gestão do tempo, solução de problemas, flexibilidade e adaptabilidade, lidar com pressão, trabalho em equipe, autoconfiança, suportar críticas e atitude positiva.

Associada a soft skills explorou-se habilidades técnicas que são aprendidas na graduação ou por capacitação específica e, percebeu-se que a habilidade técnica é importante, mas no caso apresentado não se destacou como elemento fundamental.

A análise de dados apresentados neste trabalho aponta que na fase de diagnóstico foi apresentada a análise da *timeline* do projeto de extensão e, salienta que a forma em que se conduziu a captação dos participantes, indicou uma métrica adotada inicialmente que precisou ser revista ao longo do processo, dada uma identificação por parte da coordenação de uma potencialidade de abordagem.

A percepção ágil da coordenação teve um olhar atento de acompanhamento da proposta, ao identificar uma melhoria na qualidade das entregas. Ao conhecer os públicos envolvidos pode se traçar uma abordagem preditiva, porém, observamos que o olhar ágil esteve presente em todos os anos de execução, permitindo ajustes necessários

Na fase de plano de ação e o perfil dos envolvidos identificamos que a proposta de voluntariado ajudou os alunos a estarem confortáveis com o plano de ação, e com a organização do escopo básico que lhes permitiu uma ação com mais liberdade, já que não estavam submetidos a nenhum tipo de pressão.

A cartilha (material instrucional) apresentada como suporte aos monitores e as informações advindas das escolas públicas disponibilizadas previamente conferiram tranquilidade e segurança aos participantes, pois os ambientes eram conhecidos, minimizando, assim, os riscos.

Percebe-se que o estudo do relato dos alunos sobre Conhecimentos, Habilidade e Atitude desenvolvidos durante a realização do projeto, conforme a Figura 2, que em 2018, 40% dos alunos destacam o conhecimento como o que mais desenvolveram durante a proposta. Em 2019, este dado caiu 7%. Percebemos que essa queda ocorre paralelamente com o início do oferecimento da cartilha que foi capaz de detalhar passo a passo do que seria encontrado em cada setor, e com isso conferiu ao monitor a visualização maior do seu poder de ação.

Os monitores estavam motivados a conduzirem as visitas sem auxílio da coordenação. Com poucas instruções e com um tempo de relacionamento se podia verificar engajamento por parte dos monitores, e presteza ao colocar em prática suas habilidades e conhecimento por meio da atitude.

Na fase de avaliação e autocrítica a coordenação buscou a motivação na prestação de uma atenção individual aos monitores, o que foi capaz de potencializar as possibilidades de crescimento da proposta. O equilíbrio cultivado pelo bom senso das práticas favoreceu um ambiente de crescimento individual e, posteriormente coletivo.

O projeto em sua metodologia quantificável (hard skills) poderia ser replicado sem qualquer prejuízo, porém, a identificação de ferramentas não mensuradas, como as soft skills apresentadas constituiu o diferencial elevando a demanda para anos posteriores.

A comunicação, gestão do tempo, solução de problemas, flexibilidade, adaptabilidade, capacidade de lidar com pressão e com críticas, trabalho em equipe, autoconfiança e atitude positiva foram elementos presentes no ambiente e que não

puderam ser previstos, mas puderam ser conduzidos pelos monitores com auxílio da coordenação

No caso, o fato de ser apresentado como projeto de extensão reforça a necessidade de relacionamento com a comunidade e portanto, fortalecendo a necessidade de uma presença de soft skills. O conhecimento prévio do ambiente favoreceu a interação de públicos diferentes o que conferiu a atividade uma sensibilidade necessária para o registro nas memórias dos envolvidos.

Memórias que serão acessadas no futuro e que servem de vivências positivas. Essa vivência com a aplicação primordial de soft skills fez com que os monitores colocassem em prática seus conhecimentos técnicos, mas principalmente seus conhecimentos intrínsecos (soft skills) que não foram previamente treinados.

É importante lembrar que na formação desse grupo de monitores muitos não se conheciam anteriormente à atividade, sendo necessário para alguns vencer a timidez do primeiro contato. A coordenação, com olhar atento ao oferecer de maneira voluntária a proposta com a prerrogativa de liberdade aos participantes, proporcionou aos envolvidos oportunidades de se conhecerem e interagirem livremente, sem imposições.

A maior liberdade entre os participantes permitiu a manifestação de soft skills intrínsecas, ou seja, desenvolvimento de suas habilidades pessoais que estão ligadas as habilidades técnicas que são aprendidas na graduação, ou por capacitação específica, e precisam de vivência para desenvolvimento.

O resultado deste estudo sustenta as percepções da coordenadora de que o projeto proporciona um ambiente propício para aflorar determinadas atitudes, tais como: liderança, empatia, flexibilidade e solução de problemas a todos os participantes do projeto.

Considerações Finais

Projetos de voluntários estimulam o empreendedorismo e permitem aflorar soft skills, quando conduzidos por uma coordenação que promova o ambiente para o desenvolvimento de propostas com segurança e base. Importante observar a consonância com a missão e os valores institucionais em todo processo.

Mesmo em um ambiente confortável de voluntariado é necessária a figura norteadora do coordenador que instrua e que, com toque de humildade, enalteça o outro. A consolidação da proposta entende as necessidades individuais para alcance do bem-

estar coletivo, que é orientado pela figura que coordena e que se doa integralmente. A extensão, pelo próprio contexto em que se enquadra no que se refere à prestação de serviços a outrem, requer a voluntariedade daquilo que não se pode medir.

No estudo de caso apresentado a inclusão de todos os públicos conferiu à coordenação o despertar para o olhar atento as soft skills com olhar empreendedor. Para projetos de extensão na linha proposta é fundamental o alinhamento dos envolvidos para que se perceba a importância do papel de cada um.

Nota-se que o projeto de extensão explorou em seus monitores soft skills importantes como: comunicação, gestão do tempo, solução do tempo, solução de problemas, flexibilidade e adaptabilidade, lidar com pressão, trabalho em equipe, autoconfiança, suportar críticas e atitude positiva; que constituem elementos fundamentais para a promoção da inovação.

O USP na Escolinha revela-se como proposta que tende a fomentar o empreendedorismo, pois promove o desenvolvimento da comunidade interna ao transmitir a sua experiência que ao mesmo tempo melhora a qualidade de vida da comunidade externa por promover a comunidade interna.

Por fim, ressalta-se que propostas sociais tendem a promover o empreendedorismo no indivíduo dentro das organizações; a interação com o outro, reforça a empatia e fortalece as bases institucionais por conferir ao colaborador a realização de trabalho socialmente importante.

Referências

ALVES, R. R. **Administração verde: o caminho sem volta da sustentabilidade ambiental das organizações.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

BALBINO, R.; LUCZYNSKI, F.; SPEETH, L. **Inteligência e compaixão em ação: os sete pilares para o empreendedor social.** Elfenworks Productions, 2014.

BALCAR, J. Soft skills and their wage returns: overview of empirical literature. **Review of Economic Perspectives**, v. 14, p. 3-13, mar. 2014.

BORNSTEIN, D. **Como mudar o mundo: os empreendedores sociais e o poder de novas ideias.** Cruz Quebrada: Estrela Polar, 2007.

CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor.** São Paulo: Saraiva, 2004.

COLLINS, D. **Cobuild Essential English Dictionary.** São Paulo: Harper Collins, 1992.

COSTA, M. A; BARROS. F. D; CARVALHO, F. L. J. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO*, 38., **Anais[...]**, Rio de Janeiro, 2011.

DAVIS, S. **Social entrepreneurship**: towards an entrepreneurial culture for social and economic development. Ashoka: International Board Selection Committee, 2002

DOLABELA, F. A corda e o sonho. **Revista HSM Management**, v. 80, p. 128-132, 2010.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 16, p. 181-191. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602000000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 3 mar. 2021.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/DRq7QzKG6Mth8hrFjRm43vF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2021.

GERRING, J. **Pesquisa de estudo de caso**: princípios e práticas. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

KAUTZ, T. D.; HECKMAN, J.; DIRIS, R.; TER WEEL, B.; BORGHANS, L. **Fostering and measuring skills**: improving cognitive and non-cognitive skills to promote lifetime success. Cambridge, MA: National Bureau of Economic Research, 2014.

MARTINS, J. C. C. **Soft Skills**: conheça as ferramentas para você adquirir, consolidar e compartilhar. Rio de Janeiro: Brasport, 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Apresentação PET – Programa de Educação Tutorial**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet#:~:text=O%20PET%20%C3%A9%20desenvolvido%20por,extens%C3%A3o%20e%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20tutorial>. Acesso em: 18 mar. 2021.

RAFTOPOULAS, M.; COETZEE, S.; VISSER. D. Work-readiness skills in the fasset sector. **SA Journal of Human Resource anagement/SA Tydskrif vir Menslikehulpbronbestuur**, v. 7, n. 196, p. 119-126, 2009.

SEBRAE. **Mas afinal, o que é empreendedorismo?** Disponível em: <https://www.sebrae-sc.com.br/blog/o-que-e-empreendedorismo>. Acesso em: 29 jun. 2021.

SANTOS, F. Social Entrepreneurship and Broader Theories: Shedding New Light on the Broader Picture. **Journal of Business Ethics**, v. 6, p. 1-12, 2012.

SANT'ANNA, A. S.; KILIMNIK, Z. M. **Qualidade de vida no trabalho:** abordagens e fundamentos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2011.

WIKLE, T. A.; FAGIN, T. D. Hard and Soft Skills in Preparing GIS Professionals: comparing perceptions of employers and educators. **Transactions in GIS**, v. 19, n. 5, p. 641-652, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/tgis.12126>. Acesso em: 23 abr. 2021.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.